

Vontades de Memória, Vontades de Comemorar: Questões Sensíveis para a História do Tempo Presente¹

Anna Luíza Mello Santiago de Andrade

Resumo: O presente trabalho é fruto do projeto de pesquisa intitulado: “O maior reencontro da cidade”: comemorações públicas e instituição privada em Florianópolis (1988 a 1998), desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, com ênfase em História do Tempo Presente, e conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC). Neste trabalho procura-se estudar a emergência dos estudos que envolvem as questões relacionadas às memórias e às comemorações para a História do Tempo Presente através dos eventos comemorativos, ocorridos entre 1988 e 1998, referentes ao centenário do Colégio Coração de Jesus, uma escola privada, de orientação católica, da cidade de Florianópolis. Assim, buscou-se no diálogo com autores como Pierre Nora um entendimento acerca das conexões possíveis entre memória e história, considerando as comemorações como lugares de memória. François Hartog traz o presentismo em seu texto Regimes de Historicidade, e auxilia a pensar as vontades de memória e a preocupação com as identidades, com as raízes, que também são motores de comemorações. Já a filósofa argentina Maria Inês Mudrovic discute o retorno da memória à história. Este retorno abre possibilidades para os trabalhos no campo da historiografia haja vista que a partir da problematização das questões envolvendo as memórias, pode-se pensar em novas abordagens para a História. As comemorações são repletas de memórias, apelam a elas e fazem delas seu centro. No caso do Colégio Coração de Jesus isto fica evidente a partir do aparato documental que a escola produziu durante a preparação para tais festejos. Entre crônicas, propagandas em jornais, livros e discursos políticos pode-se ver o investimento em memórias que a escola promoveu – seja de ex-alunas, da instituição, ou mesmo de setores públicos – para que suas comemorações se fizessem possíveis, e para que um elo afetivo fosse construído entre instituição e cidade. O que se pode perceber é, portanto, um forte investimento no nível das memórias e uma relação bastante evidente entre memória e comemoração. Tais estudos são bastante importantes para a História do Tempo Presente e apresentam-se como uma emergência deste campo teórico, pois este dedica-se ao estudo de eventos ocorridos em um recorte temporal mais próximo do historiador, ou seja, especialmente a segunda metade do século XX. Nesta contemporaneidade as memórias são trazidas a tona – pelo medo de perdê-las, ou por não mais existirem, como aborda Nora, e para promoverem identidades, trazerem de volta estabilidades num momento de fluidez e heterogeneidade. As comemorações referentes aos cem anos do Colégio Coração de Jesus ocorrem neste tom, a partir de uma necessidade de forjar identidades, de construir uma narrativa homogênea quanto a história da instituição e de trazer o sentimento de pertencimento através dos atos comemorativos. Perceber, portanto, nestas relações entre memória e comemoração, sensibilidades captadas pela História do Tempo Presente é intuito deste trabalho.

Palavras-chave: Memória – Comemoração – História do Tempo Presente

Pierre Nora consagrou o termo lugares de memória procurando entender as vontades de memória do nosso tempo. Para o autor “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais.”. Esta não existindo, há a necessidade de consagrar-lhe lugares, tais como os monumentos, os arquivos e as comemorações. No Brasil do fim do século XX e do início do século XXI vimos o acontecimento de várias comemorações referentes às instituições republicanas. Em 1989 celebram-se os cem anos da república, e com a instituição desta, muitas instituições e espaços emergiram para que o modelo republicano de governo pudesse ser consolidado.

Em Florianópolis o Colégio Coração de Jesus veio para atender esta demanda republicana. Esta escola foi uma importante instituição de ensino da cidade, que iniciou suas atividades em 1898 com a vinda das Irmãs da Congregação da Divina Providência da Alemanha para o Brasil. Esta congregação iniciou suas atividades em Münster, no anseio de *atender as necessidades de uma época* (CUNHA; LEAL, 1991), que se via em meio ao crescimento das cidades, como por exemplo, a cidade de Florianópolis no início da República, onde a população, em processo inicial de um novo sistema de governo, necessitava novos modelos de prestação de serviços, inclusive para a Educação. Neste cenário abre-se uma opção de estudo para as mulheres, filhas das chamadas elites catarinenses. Sendo assim, o que se pode perceber em relação à educação oferecida e proposta por este colégio é uma educação dita *tradicional*, voltada às mulheres, com o objetivo de educar e formar moças à convivência na sociedade florianopolitana. Com o passar dos anos, a escola modernizou-se, trouxe o sexo masculino para seus bancos escolares durante a década de 1970 e criou fortes laços com a cidade onde esteve situada por mais de um século.

As comemorações referentes ao centenário desta escola foram minuciosamente preparadas e experimentadas por algumas camadas da população da cidade, como jornalistas, ex-alunos e ex-alunas, políticos e comerciantes, deixando entrever o trânsito que tal instituição construiu com a cidade, bem como os laços identitários e afetivos que promoveu entre a população local e a escola.

É, pois, de suma importância perceber a emergência dos estudos que envolvem os debates sobre comemorações e memória para a História do Tempo Presente. Considerando esta corrente como uma História de retornos – do fato, do político, do testemunho – há de se considerar o seu recorte temporal situado no pós-guerra, entendendo-se a especificidade do nosso tempo. Este tempo que consagra lugares às memórias por elas não mais existirem, como fala Nora, ou mesmo pela necessidade de se buscar ou forjar uma identidade, de dar sentido, de ter o controle, de unificar. François Hartog em seu texto intitulado Regimes de Historicidade discute o *presentismo*, e auxilia na compreensão da História do Tempo Presente, bem como da necessidade dos estudos que envolvem os problemas das comemorações e da memória:

Outra fenda apareceu no presente por meados dos anos setenta, tão bombástica, mas já bem obcecada com predições: mostrou-se ansiosa acerca da questão da identidade, numa busca pelas raízes, uma ânsia de memória, preocupada com o "patrimônio", atormentada pela conservação de monumentos, de lugares antigos ou não tanto, a preservação da natureza. Ansiosa com a recuperação do que fora perdido, ou estava para ser perdido ou inquieta com o que fora "esquecido" (especialmente a memória da II Guerra Mundial).

O presente que requer uma memória e que edifica lugares a ela, que a busca no intuito de “recuperar o que fora perdido” e forjar identidades é o que se está falando ao trabalhar com as comemorações referentes ao centenário do Colégio Coração de Jesus em Florianópolis.

Aqui mora a importância das questões acerca das memórias para a História do Tempo Presente. Para a filósofa argentina Maria Inês Mudrovic, uma das principais características

da História do Presente é o retorno de Clio à mnemosine, ou o retorno da memória a história. Os historiadores até então pouco se dedicaram a estes debates, deixando as discussões ao encargo de cientistas sociais, psicólogos, filósofos. Porém, no fim do século XX a memória passa a ser preocupação de historiadores como Pierre Nora, pois ela passa a ser requisitada pelos meios sociais, clama-se pelos deveres de memória.

A História do Tempo Presente é uma história dos retornos – do político, do fato, dos testemunhos. Para entender o *boom* comemorativo da sociedade do fim do século XX no Brasil pode-se analisar a partir desta perspectiva. Ora, comemorações são factuais, datadas, obviamente preparadas de modo processual, porém, o acontecimento é o auge de uma comemoração. Estando situada no fim do século XX – como muitas comemorações citadas anteriormente em virtude dos cem anos da república – entende-se que seus atores – das festas – são testemunhos destes acontecimentos, e a história está, pois, em curso. O recorte temporal é próximo a escrita da História, seus atores estão muitas vezes aptos a testemunhar em prol das pesquisas, ou então contestar as memórias transformadas em história, ou defloradas pelo historiador.

Pensando no caso do Colégio Coração de Jesus e nas festas em torno do seu centenário, pode-se pensar na feitura destes festejos e, portanto, na relação entre memória e comemoração. O pontapé inicial para as comemorações do centenário da escola é dado dez anos antes, com a comemoração dos noventa anos da instituição. Em 1989 o enfoque foi a memória. Assim sendo, a escola preparou espaços museais, livro comemorativo, além de chamar vozes autorizadas – como políticos e ex-alunas – para escreverem sobre a escola. O que se percebe é que através dos apelos às memórias – pessoais, institucionais – uma história da escola foi construída para a cidade agregando valor positivo ao Colégio, fazendo deste uma notável entidade a ser conagrada nos seus cem anos de história e prestação de serviços à comunidade florianopolitana.

É através de memórias que a escola vai buscar sustentação para a realização de festas que envolvam a sociedade. A instituição buscou suporte de uma historiadora, Maria Regina Boppré, para organizar uma versão da história da escola, em forma de livro. Neste, além de fotografias inéditas da instituição, pode-se ver a listagem de algumas alunas que estudaram na escola, além de discursos e depoimentos de personalidades da cidade, como do então Governador do Estado Pedro Ivo Campos, que em seu discurso demonstra a forte relação entre a escola e o poder público catarinense:

o nosso Colégio Coração de Jesus é uma tradição gloriosa da nossa sociedade. Quantos e quantos alunos por aqui passaram, quantas personalidades de destaque aqui se formaram, aqui aprenderam o be-a-bá e as quatro operações. O Colégio Coração de Jesus permanece impassível ao tempo. Claro que evoluiu, mas evoluiu como todo nós e também evoluiu a sociedade, mas seus princípios básicos, os seus sentimentos, os seus compromissos, o seu ideal, estes não se alteraram. É a mesma escola com os assoalhos reluzindo, com as plantas nos vasos, lindas e exuberantes...Colégio Coração de Jesus de tamanhas tradições.²

Todos estes recursos construíram uma versão de noventa anos de tradição em educar, delimitando o espaço de destaque que a escola ocupava na cidade de Florianópolis. Buscar na construção de uma história da instituição e principalmente nas memórias – de ex-alunas, professores, funcionários, ou da própria instituição - foi a base de sustentação para as futuras comemorações. O que se pode perceber é que a instituição dedicou-se a construir espaços museais para recepcionar os participantes das festas, ou seja, a escola buscou forjar uma memória de cem anos em serviços prestados, evidenciando o que considerava importante – como a origem das freiras, o auge da escola feminina e a distinção social que o Colégio

proporcionou – e por vezes deixando de lado histórias “marginais”, que não se queria publicizar ou lembrar.

Evidenciando estas memórias, esta entidade conseguiu arregimentar um grande número de ex-alunas e ex-alunos, tendo em vista que a memória é capaz de reunir e de construir identidades, ou como aborda Durval Muniz de Albuquerque Jr, fala-se aqui em memória afetiva, pois “está ligada à forma de sensibilidade social a que está preso o indivíduo” (2007: 203), surgindo das emoções que depositamos em cada recordação. Trabalhando as identidades através de memórias, a escola conseguiu êxito na confecção das festas, justamente porque trouxe à tona o nível afetivo das memórias. Lembrar da escola que estudou e poder se fazer pertencer, mesmo que tempos depois, àquela distinção social que o Coração de Jesus foi capaz de proporcionar.

O que se pode perceber é que esta instituição demonstra uma vontade de memória, vontade de guardar. Em seu acervo encontra-se um conjunto de pastas intituladas Memória – CCJ – 1998, e nelas uma infinidade de guardados ali dispostos a dar seu testemunho, entre correspondências, organização das festas, folders de propaganda e notícias de jornais. Tais materiais foram minuciosamente selecionados, afinal, toda seleção implica em deixar outras coisas de fora. Dessa forma entende-se que o material ali disposto foi montado para auxiliar na construção de versões que a escola queria publicizar.

Além da organização documental outra modalidade de trabalho com as memórias foi efetivada pelo Colégio Coração de Jesus. No ano de 1988, em virtude das comemorações dos 90 anos da escola (o pontapé inicial para as comemorações do centenário), esta chamou um grupo de ex-alunas para escreverem crônicas a serem publicadas no jornal O Estado durante o mês de junho. Tais crônicas contêm memórias selecionadas pelas alunas e dispostas em forma de textos, a fim de mostrar os laços afetivos entre cidade e instituição e fazer, por meio de memórias pessoais, a promoção de festas relacionadas à escola. O que se percebe nestas crônicas é a presença da vida das ex-alunas, construídas nas poucas linhas do jornal, evidenciando a escola da infância/juventude por seus 90 anos, e conseqüentemente, o que esta instituição significou para a formação – educacional e de caráter – das alunas ali, dispostas a cruzar suas histórias pessoais com a história da escola que se buscou construir:

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas. (GOMES, 2004: 11)

O que se pode perceber nestes escritos é a produção de sentidos para momentos vividos na juventude, que são trazidos à tona na forma de boas lembranças, doces e leves. Deixa-se de lado os maus momentos, ou melhor, edita-se as lembranças.

Tenta-se, nesta modalidade de escrita de si, demonstrar uma linearidade da vida, uma estabilidade; mostra-se um modelo a ser seguido: ex-aluna da escola, bem estabelecida profissionalmente, mãe dedicada e boa amiga, que mantém ainda suas ex-colegas de infância no seu círculo social. Consideramos hoje as fragmentações do indivíduo, acreditando não ser ele um ser fechado, unilateral e homogêneo. No prólogo de seu livro *Escrita de si, escrita da história*, Ângela de Castro Gomes (2004: 13) aborda este aspecto das produções de si:

É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa permanência e estabilidade através do tempo

A contemporaneidade mostra essa dificuldade em lidar com as fragmentações do indivíduo, com as faltas de homogeneidade e linearidade e busca nas memórias a resolução destes problemas: através delas pode-se forjar identidades, demonstrar linearidades deixando

de lado tais fragmentações, e por isso a emergência dos estudos acerca das comemorações são tão caros à História do Tempo Presente, pois tais eventos deixam entrever os usos dados às memórias no presente.

Estudar o caso das comemorações em torno do centenário do Colégio Coração de Jesus nos fazem atentar para duas questões bastante sensíveis e caras à História do Tempo Presente: as comemorações e as memórias. A memória retorna à história como uma questão bastante fértil para o nosso campo. Este retorno, para Mudrovcic, deve-se a criação do Instituto de História do Tempo Presente em 1978 por F. Bédarida, e pelo trabalho de Pierre Nora acerca dos lugares de memória. Mas o que teria motivado estes historiadores a preocuparem-se com tal questão é justamente o entrecruzamento entre as memórias dos acontecimentos que a história tenta reconstruir quando se toma como ponto de partida especialmente a segunda metade do século XX. A volta da memória a história é, para a autora, um fenômeno contemporâneo. Na contemporaneidade as memórias são disputadas, requeridas, devidas; há, portanto, lutas por memórias. Devemos então dar enfoque às discussões entre memória e história, propostas por Pierre Nora

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. (NORA, 1993: 9)

Por muito tempo historiadores negaram os níveis de memória para afastar possíveis confusões – história não é memória. Mas esta nova aproximação nos faz perceber o quão caros são os estudos que envolvem a temática das memórias para a História. Esta ligação nos mostra o quão diferentes e complementares história e memória podem ser. As memórias convocadas pela instituição para feitura das festas estão repletas de elos afetivos, e podem sofrer edições e censuras, deixando entrever apenas o que querem que se torne público. Já a História é responsável pela relativização das fontes e pela posterior desconstrução das memórias, em prol da construção de uma narrativa historiográfica. Nesta modalidade de narrativa, entra em jogo outro tipo de edição. Escolhem-se as fontes, os excertos de textos, os aportes teóricos, ou seja, tem-se o *saber-fazer* História, pautado em métodos e teorias, definindo assim, a prática do historiador. Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007: 61), a História está, pois, a serviço do esquecimento:

Damo-nos conta de que a História não está a serviço da memória, de sua salvação, mas está, sim, a serviço do esquecimento. Ela está sempre pronta a desmanchar uma imagem do passado que já tenha sido produzida, institucionalizada, cristalizada. Inventado, a partir do presente, o passado só adquire sentido na relação com este presente que passa, portanto, ele enuncia já a sua morte prematura.

O profissional em História não deve ser um reproduzidor de suas fontes, e faz, portanto, uma desconstrução das imagens antes construídas, desmanchando-as; historicizando-as.

Desta forma vê-se a emergência dos estudos que envolvem eventos como as comemorações, pois entende-se que elas são carregadas de memórias. Para Pierre Nora (1993) as comemorações – tais como as ocorridas em virtude do aniversário da instituição – são consideradas *lugares de memória*:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993:13).

É preciso comemorar para não cair no esquecimento. É preciso escrever e deixar rastros para que a – invenção – da história da escola não seja apagada, e é igualmente

necessário ativar memórias pessoais, registrá-las e promover as festas da instituição. Trazer à tona memórias escolares e reorganizá-las, ou revisitá-las, ajudou a instituição a contar uma história para a cidade; uma história tida como *tradicional*. Assim, utiliza-se de recursos da memória, a fim de conseguir o “aval” dos variados setores da sociedade para transitar e se lançar ao público. Esta construção de uma *tradição em educar*, e mais especificamente, em educar florianopolitanos, ajudou a escola a afetar parcelas da população da cidade, ou seja, a escola buscou na memória, e especialmente nos afetos gerados entre instituição e indivíduo, a licença para produzir estas festas e demarcar espaços. Já a tarefa do historiador é desconstruir tais memórias, minuciosamente selecionadas, o que demonstra a violência que a História é capaz de praticar com suas fontes, como aborda Albuquerque Jr. (2007: 206)

(...) a História é também uma violência que se pratica com as armas dos conceitos, do pensamento, da razão. Por mais bem intencionado que o historiador esteja em relação ao buquê de memórias que tenha coletado, ele terá que deflorá-las para poder gestar a História.

Entendendo a História como operação intelectual percebe-se os porquês da violência com as memórias para gestar a História. Roger Chartier dedica-se à discussão acerca da construção das narrativas historiográficas. Entendendo o caráter científico da disciplina mesmo sem abrir mão do nível inventivo que o historiador é capaz de dar a ler em sua escrita, vê-se os embates entre memória e história, entre relatos e narrativas. Por muito tempo a História recusou os relatos em virtude do seu cientificismo. Ao analisar as brechas entre o passado e as suas representações é que foi possível pensar a História como uma escrita sempre construída.

Falou-se, nas décadas de 1980 e 1990, de uma crise da História, justamente por não estar mais pautada no cientificismo do século XIX - abrindo seu campo de visão, trazendo a imaginação como elemento da narrativa historiográfica - mas também ainda pautada na delimitação de um campo científico - através dos aportes teóricos e metodológicos; isso tudo nos mostra "a capacidade de saber crítico da disciplina".(2009:13). Para Chartier, "a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor." (2009: 15)

Estudar as formas como as memórias são requisitadas na contemporaneidade, produzindo sentidos, reelaborando identidades e promovendo encontros é bastante importante para entendermos a emergência da História do Tempo Presente para o campo historiográfico. O retorno de Clio à Mnemosine, como aborda Mudrovic, nos traz novas possibilidades de abordagens das questões postas no século XX, especialmente no que tange às comemorações. Em todo mundo viu-se o acontecimento de eventos comemorativos; na França, o bicentenário da Revolução Francesa em 1989, no Brasil, as comemorações referentes à instituição da República, e nos níveis locais temos comemorações como o centenário do Colégio Coração de Jesus. Todos esses eventos nos mostram, além de vontades de comemorar, vontades de memória. A problemática das memórias está posta na sociedade contemporânea, haja vista que ela é requisitada tanto pelos meios intelectuais como pela sociedade civil, e cabe ao historiador lidar com estas questões sensíveis.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de Teoria da História; Bauru, SP: Edusc, 2007.

BOPPRÉ, Maria Regina. *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense*. Florianópolis. Lunardeli, 1989.

CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: Time, History and the Writing of History: the Order of Time*. In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*.

MUDROVIC, Maria Inês. Por que Clio retornou a mnemosine? In: A ZEVEDO, Cecília et al. (orgs). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

NORA, Pierre. Entre Memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1998.

¹ A autora Ana Luíza Mello Santiago de Andrade é aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, onde desenvolve o projeto intitulado : “O maior reencontro da cidade”: comemorações públicas e instituição privada em Florianópolis (1988 a 1998), com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

² Discurso proferido pelo Governador Pedro Ivo Campos. In: BOPPRÉ, Maria Regina. *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense*. Florianópolis. Lunardeli, 1989, p. 351.